



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

DOMINGO

13

Junho - 1965

N.º 1733

Ano XXXIV - Sem. VIII

(AVENÇADO)

Publicado pela C. de Com.

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrador: M. BRAGA DIAS
Comp. e imp. no TIPOGRAFIA ESPINHENSE - Rua 14 - Telef. 920187

A Bondade

por Ferreira da Rocha

Já temos ouvido afirmar que para se poder ser um verdadeiro Cristão não é necessário ser santo; e quem assim nos falava pertence ao grupo dos que dedicam uma boa parte da sua vida a práticas religiosas.

Parece-nos que para poder uma pessoa chegar à «verdadeira» santidade, necessita duma dose de bondade bastante elevada; e essa bondade só é possível numa «criatura de Deus».

«Criatura de Deus» é uma daquelas frases feitas, muito vulgar na boca de pessoas «piedosas», geralmente duma piedade doentia, falsa ou fingida... Criatura de Deus é uso dizer-se de qualquer «pobre diabo» a quem uma grande infelicidade ou grave doença bateu à porta — talvez neste caso com mais propriedade. E porque esses mesmos infelizes precisarão de revestir-se duma boa camada de bondade, a fim de poderem, assim, arranjar a paciência necessária para viver sem desesperar.

O «verdadeiro» santo é, pois, uma criatura de Deus também; e para ser santo é necessária muita Bondade. Grandeza de Bondade!

Porém, nem só os santos são bondosos. E, até parece ter havido muitos que tiveram as suas faltas; que muitas amiudadas vezes chegaram a desesperar com as tribulações a que a vida obriga.

Há indivíduos — ainda os há, felizmente — que não aspiram por certo à santidade — nem nisso pensarão, talvez — e que no entanto são bondosos; criaturas admiravelmente boas; maravilhosamente tolerantes e duma simpatia que prende e impressiona. Não sendo «criaturas de Deus» no completo sentido da frase, são no entanto «criaturas de bondade»; e a bondade é, quanto a nós, já um princípio de santidade.

Por conseguinte, «se a Delicadeza é que define o ser superior, a Bondade é que o eleva às alturas».

Mas para ser Bom não basta perdoar; a Bondade não só perdoa como ajuda os que precisam e lhe batem à porta.

A Bondade é o predicado mais raro no homem e para ele mais difícil; verdadeiramente Bom foi ape-

nas, Jesus Cristo, quando pedia perdão para os seus algozes — «porque eles não sabiam o que faziam»...!

Todo aquele que é bom ama profunda e verdadeiramente; bondade é tudo o que se faça a qualquer desinteressadamente. Por isso mesmo é que Bondade é «avis rara»; para ser bom não pode o homem cuidar muito de si próprio — nem seja do que for que lhe dê interesse, porque isso lhe deveria vir por acréscimo.

E será, então, possível a bondade? Apenas sabemos dizer que não é nada fácil... nem pode ser frequente. Mas se todos os homens fossem «bons», a Terra seria um paraíso encantado; se a Humanidade fosse feita de Bondade, a vida era um poema maravilhoso que valia a pena apreciar!

A conquista desse Poema está, no entanto, nas mãos do próprio homem; e valeria a pena — hó! se valia... — empreender todos os trabalhos, arrostar com todas as dificuldades para que algum dia essa maravilhosa conquista pudesse realizar-se.

Para alargar territórios, dizimar exércitos; para desvendar oceanos e conquistar reinos; grandezas, enfim, tanto se tem trabalhado! Quanto sacrifício, quanta dor, quanta canseira, quanta luta e quantas vidas se terão sacrificado nessas conquistas que, a bem dizer, nada valem, comparadas com a conquista da verdadeira felicidade! Quando afinal, muito pouco ou quase nada se terá feito até agora para empreender essa maravilhosa conquista que talvez — é quase certo — nenhum daqueles sacrificios exigiria do homem.

Conquistar a felicidade e independência é o que todos os indivíduos procuram enquanto vivem, também independentes. Mas se todos se ajudassem mutuamente e cooperassem nessa tarefa, muito mais fácil seria concretizá-la; incomparavelmente mais completa poderia ser a sua realização.

FERREIRA DA ROCHA

Farmácia de Serviço, HOJE

Grande Farmácia

Rua 62 Tel. 920092

O Dia de Portugal em Espinho

Conforme anunciamos, por iniciativa da Subdelegação da Mocidade Portuguesa desta Vila O DIA DE PORTUGAL foi solenemente comemorado em Espinho, quer no Teatro S. Pedro, quer no Campo da Avenida.

No Teatro teve lugar uma sessão cívico-cultural em homenagem ao maior poeta português de todos os tempos e um dos mais célebres do Universo.

Nessa festa colaboraram professores e alunos da Escola Industrial e Comercial de Espinho e do Colégio de S. Luís, também desta Vila, e a ela estiveram presentes, além de outras individualidades, os Ex.ºs Presidente da Câmara, dr. Pereira Pinto, capitão Amílcar Ferreira, Comandante Distrital da Polícia de S. P. de Aveiro e Subdelegado da Mocidade Portuguesa de Espinho, o Director da Escola Industrial sr. dr. José de Gouveia Pereira de Melo, e outros professores.

Após a execução, muito afinada, do Hino da Mocidade Portuguesa pelo Orquestra Escola I. e C. de Espinho, constituído por alunos dos dois sexos, sob a regência proficiente da professora D. Aurora Biscaia, o distinto professor do mesmo estabelecimento de ensino sr. dr. Antero da Silva Mendes, proferiu a anunciada alocução subordinada ao tema «CAMÕES É PORTUGAL» na qual o poeta máximo da Raça é apreciado sob as diversas facetas do seu enorme talento.

Após a execução, muito afinada, do Hino da Mocidade Portuguesa pelo Orquestra Escola I. e C. de Espinho, constituído por alunos dos dois sexos, sob a regência proficiente da professora D. Aurora Biscaia, o distinto professor do mesmo estabelecimento de ensino sr. dr. Antero da Silva Mendes, proferiu a anunciada alocução subordinada ao tema «CAMÕES É PORTUGAL» na qual o poeta máximo da Raça é apreciado sob as diversas facetas do seu enorme talento.

Após a execução, muito afinada, do Hino da Mocidade Portuguesa pelo Orquestra Escola I. e C. de Espinho, constituído por alunos dos dois sexos, sob a regência proficiente da professora D. Aurora Biscaia, o distinto professor do mesmo estabelecimento de ensino sr. dr. Antero da Silva Mendes, proferiu a anunciada alocução subordinada ao tema «CAMÕES É PORTUGAL» na qual o poeta máximo da Raça é apreciado sob as diversas facetas do seu enorme talento.

Seguiram-se recitativos por meninas e rapazes dos Centros Escolares N.º 1 e 2, e Centro Extra-Escolar N.º 2. E a festa em honra de Luís de Camões terminou com o Hino Nacional, cantado pelo Orquestra do Centro Escolar N.º 2, (Escola Industrial).

Em seguida, nova formatura em frente ao Teatro, e novo desfile da Mocidade Portuguesa de Espinho, com suas bandeiras e guiões por algumas artérias da Vila, e aqueles futuros defensores da Pátria recolheram ao seu quartel, para às 15 horas, novo desfile se realizar até ao Campo da Avenida onde teve lugar uma tarde desportiva, com uma lição de ginástica pelo professor do C. E. N.º 2, sr. Martin da Fonseca.

E, com um desafio de Voleibol pelas equipas representativas dos C. E. n.ºs 1 e 2, para disputa da Taça da «Ala 7», terminou o programa da Festa de Encerramento das Actividades Escolares do Ano de 1964/65.

O Senhor Ministro das Obras Públicas visita Espinho no próximo sábado

A fim de inaugurar vários melhoramentos nesta Vila, S. Exa. o Senhor Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Arantes e Oliveira, chegará a Espinho no próximo Sábado, dia 19, às 10 horas, para o que se observará o seguinte programa:

Após a sua chegada, recepção nos Paços do Concelho; seguidamente S. Ex.a inaugurará a 5.ª fase da pavimentação das ruas de Espinho e a Lota de Peixe; visitará o Bairro para gente pobre, ao sul da Vila, e por fim visitará também as obras do quartel dos Bombeiros Voluntários de Espinho.

DEFESA DE ESPINHO apresenta desde já as BOAS-VINDAS a Sua Excelência.

Uma Exposição Industrial em Espinho - Porque não?...

A carta que noutra lugar publicamos, e que o sr. Ernesto de Oliveira dirigiu ao director deste periódico, veio-nos sugerir a ideia de se promover uma Exposição Industrial naquele recinto aberto, sito nas trazeiras de «O Nosso Café», com frente para a Rua 21, e que tanto destoa pelo seu mau aspecto e por tudo aquilo a que se está prestando, presentemente.

Com licença do dono, é claro — que talvez não se recusasse a cedê-lo gratuitamente para o efeito, poder-se-ia realizar no local uma bela e atraente exposição das indústrias do nosso concelho ou até da rica região do Vale do Vouga, que certamente só teriam a lucrar em ser conhecidas dos milhares de pessoas, nacionais e estrangeiras que durante a época balnear visitam Espinho e muitas aqui permanecem durante dias ou semanas. Seria uma bela atracção, de resultados práticos e proveitosos para os expostores.

No nosso concelho há numerosas fábricas e oficinas, algumas daquelas das mais importantes do País no seu género, onde se fabricam os mais variados artigos. Nos concelhos vizinhos também laboram importantes fábricas oficinas que igualmente lucrariam em expor aqui os seus produtos.

Porquê não se há-de promover, pois, um certame das indústrias desta rica e activa região do Vale do Vouga, ou até sómente do concelho de Espinho?

Onde estão os homens de iniciativa da ténpera de Ernesto de Oliveira e de outros semelhantes, que antigamente promoviam coisas interessantes e arrojadas na nossa terra?

Apareçam, pois, e mãos à obra! que estamos convencidos de que não encontrarão, presentemente, os entraves de que se queixa Ernesto de Oliveira quando da Feira Popular de sua iniciativa.

Mãos à Obra, pois!...

FESTA DO CORPO DE DEUS

É na próxima 8.ª feira, dia 17 como já anunciamos, a tradicional Festa do Corpo de Deus na Igreja Matriz desta Vila, com o seguinte programa:

As cerimónias terão início às 8 horas, com Missa Solene, cantada e dialogada pelas crianças da Comunhão; e pregação por um orador sagrado;

As 17 horas início das cerimónias do ritual, saindo, a seguir, da Igreja a magestosa procissão do costume, na qual se incorporam, além das crianças da Comunhão, Irmandades e confrarias, as entidades oficiais e membros de várias instituições.

A Confraria do S. Sacramento convida as pessoas que queiram incorporar-se na Procissão a apresentarem-se na Igreja pelas 16,30 horas.

A mesma Confraria convida pessoas moradoras nas ruas por onde passa a Procissão, para queimarem incenso ou acenderem velas para dar mais solenidade à passagem do S. Sacramento.

O Cortejo de Oferendas

a favor do Hospital da Misericórdia realiza-se em 25 de Julho

Está marcada para 25 de Julho próximo a data de um novo cortejo a favor da S. C. da Misericórdia de Espinho, que tão necessitada está de fundos para fazer face à sua humanitária missão.

Passaram-se dois anos já, sem se realizar qualquer cortejo para tal fim. E' necessário agora que, em todo o Concelho de Espinho se conjuguem os melhores esforços para que essa jornada de caridade resulte o mais proveitosa possível em favor da primeira instituição de caridade do nosso Concelho, para que esta possa estender o seu manto de caridade ao maior número de necessitados do seu socorro e do seu amparo.

Nada, pois, de iniciativas secundárias que possam prejudicar os objectivos do anunciado cortejo de oferendas!

Escola Industrial e Comercial de Espinho

Encerramento dos Aulas e Admissão dos Alunos Internos aos respectivos exames

Para conhecimento dos alunos e encarregados da educação transmitem-se, por este meio, as seguintes disposições relativas ao encerramento das aulas do corrente ano lectivo e admissão dos alunos internos aos respectivos exames:

a) As aulas terminam no próximo dia 15 do corrente e as reuniões para apuramento das classificações anuais terão lugar nos dias 16 a 19.

b) As aulas com as classificações do 2.º ano do Ciclo Preparatório serão fixadas no dia 18, e as restantes no dia 21 devendo os alunos tomar imediato conhecimento dos resultados obtidos a fim de pagarem as propinas dos exames a que devem ser admitidos.

c) MUITO IMPORTANTE — Os alunos de todos os cursos diurnos e nocturnos que tenham excedido o máximo de faltas legalmente permitido (três vezes o número de aulas em cada disciplina, durante o ano), qualquer que tenha sido o motivo, devem requerer a sua relevação até às 12 horas do próximo dia 15, caso não o tenha feito ainda.

Os alunos que tenham frequentado as aulas em mais que uma turma ou ano, deverão juntar ao requerimento tantas cópias, em papel de 25 linhas, quantas as turmas que frequentaram além da turma normal.

Aqueles que tenham excedido o referido limite e não peçam ou não tenham pedido a sua relevação, perderão o ano e não lhes será atribuído qualquer aproveitamento. Lembra-se porém, que só poderão ser relevadas as faltas cuja justificação tenha sido apresentada na devida altura aos alunos que tenham aproveitamento suficiente e que as justificações apresentadas depois das 17 horas do referido dia 15 não serão consideradas.

d) Os alunos do 2.º ano do Ciclo Preparatório que obtiverem classificação igual ou superior a 10 valores em todas as disciplinas ou em todas menos numa, desde que esta não seja inferior a 5 valores e não tenham nota de mau comportamento serão submetidos ao exame final; aqueles que tenham obtido classificação de 16 ou mais valores em cada disciplina e bom comportamento são dados como aprovados e dispensados do exame final, devendo no entanto pagar a propina a que se refere a alínea i);

e) Os alunos dos cursos de Formação de Serralheiro, Montador Electricista, Formação Feminina e Geral de Comércio que nas disciplinas de exame tenham classificação igual ou superior a 10 valores são igualmente submetidos aos respectivos exames. Podem ainda ser submetidos ao exame de uma disciplina cuja classificação seja inferior a 10 valores, mas nunca inferior a 8, desde que nas restantes tenham obtido 10 ou mais valores; aqueles que tenham obtido média de 14 valores em qualquer disciplina de exame, são dispensados do mesmo se tiverem sido aprovados na frequência das restantes pertencentes ao mesmo ano, desde que requeiram e paguem a propina devida, a que se refere a alínea i);

f) Os alunos do ensino de aperfeiçoamento (Geral de Comércio, Formação de Serralheiro e Montador Electricista nocturnos) que nas disciplinas de exame obtiverem classificação não inferior a 10 valores, podem igualmente ser admitidos aos respectivos exames, desde que o requeiram e paguem a respectiva propina, referida na alínea i);

As alunas do ensino de aperfeiçoamento e correspondente ao curso Geral de Comércio, qualquer que seja o ano que tenham frequentado, podem ainda requerer o exame da disciplina de ECONOMIA DOMÉSTICA, apesar de não a terem frequentado;

g) Os alunos dos cursos Geral de Comércio e Formação Feminina que tenham obtido aprovação nos exames de todas as disciplinas que constituem o plano do curso, podem ser admitidos ao exame de APTIDÃO PROFISIONAL, desde que o requeiram no prazo de 48 horas a contar da data em que forem afixados os resultados do último exame;

h) Para admissão aos exames de qualquer curso é necessário o pagamento da propina devida, feito em estampilhas fiscais a inutilizar em impresso próprio que deverá ser adquirido na Cantina e ainda das seguintes quantias, a pagar também na cantina, para papel e outro material a utilizar nas provas:

Aptidão Profissional, 5\$00; Outros exames — Por cada um, 2\$50.

i) O pagamento cuja importância é de 20\$00 para os alunos do Ciclo Preparatório, 10\$00 por disciplina para os dos restantes cursos e 40\$00 para o exame de Aptidão Profissional, é efectuado na Secretaria, nos seguintes dias e horas:

CICLO PREPARATÓRIO — Dia 18 das 9,30 às 12 e das 14 às 17 horas; Dia 19 das 9,30 às 12 horas.

CURSOS DE FORMAÇÃO (Formação Feminina, Formação Serralheiro, Montador Electricista e Geral de Comércio) — Dias 23 e 24 das 9,30 às 12 e das 14 às 17 horas;

Registo Social

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje, dia 13, a menina Fernanda Luísa P. Mendes, filha do sr. Fernando Domingues Mendes, de Moselos; e o sr. António Ribeiro de Aguiar;

Amanhã, dia 14, a menina Maria Emília de Teles Tavares, filha do sr. dr. José Maria Teles Tavares, ausente em Luanda; e o sr. Silvío da Costa e Sousa, de Silvalde;

—em 15, as sras. D. Arminda Fernanda da Costa Pinho, sobrinha do sr. Alberto Bastos Maia, e D. Virgínia Rosa N. Ribeiro, esposa do sr. Vitorino Casal Ribeiro; a menina Ana Maria, filha do sr. dr. Amadeu Moraes; e o sr. José Manuel Gomes Fernandes, filho do sr. José Juvenino Fernandes;

—em 16, a sra. D. Isaura Fernandes Dias da Silva, esposa do sr. Justino Rodrigues da Silva; a menina Olga Maria Capela, filha do sr. Bernardino dos Santos Capela;

—em 17, as meninas Maria Gomes da Graça, filha do sr. José Rodrigues Meleiro, Maria Amélia Pinto Bernardes, filha do sr. Domingos Pereira Bernardes, ausente no Rio de Janeiro, e Maria Amélia Oliveira Reis Macedo, filha do sr. Hernâni Reis Macedo; e o menino Carlos Manuel, filho do sr. Carlos Jerónimo Fernandes Pereira (Xabregas);

—em 18, a sra. D. Celeste Valente de Almeida, esposa do sr. Carlos de Oliveira; os srs. Mário da Costa e Sá, filho do sr. Teófilo da Costa e Sá, António Augusto Rodrigues da Silva Couto, de Anta, António de Oliveira Pais e Aníbal Alves da Silva; e o menino António Gomes Rodrigues, filho do sr. José Rodrigues Meleiro;

—em 19, os srs. Floriano Delfim R. Almeida, filho do sr. Alberto de Oliveira Resende, Augusto David da Silva Júnior, Domingos Alves de Oliveira e Catolino Rogério, filho do sr. Catolino Dias Pinto, ausente em O. de Azemeis.

Alberto de Sousa Reis & C. L. do

Certifico que, por escritura de 27 de Abril de 1965, lavrada no 7.º cartório notarial do Porto, a cargo do notário António Ferreira Pinto Bastos de Figueiredo, a fl. 93 v.º do livro de notas n.º 87-A para escrituras diversas, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial Alberto de Sousa Reis & C. L. da, com sede em Espinho, passando o artigo 5.º a ter a seguinte redacção:

5.º A gerência, dispensada de caução, será exercida por três gerentes, que são os outorgantes, D. Elisa Roberta Ferreira Reis, Carlos Alberto Ferreira Reis e Paulo Ferreira Reis, podendo qualquer deles obrigar a sociedade e representá-la em juízo, com amplos poderes para transigir e desistir livremente.

Está conforme ao original, a que me reporto, nada havendo na mesma escritura em contrário ou além do que se narra e transcreve.

Porto, 4 de Maio de 1965. — O Ajudante do 7.º Cartório Notarial, José de Sousa Rodrigues.

Dr.ª Laura Romariz Médica ex-chefe do Serviço de Dietética no Hospital de S. João, do Porto. 2.ª feiras das 10 às 12 h. 5.ª e 6.ª feiras das 18 às 19 h. RUA 31 N.º 321 - ESPINHO Clínica Geral Puericultura — Nutrição

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO (nocturnos) Formação de Serralheiro, Montador Electricista e Geral de Comércio. — Dias 23 e 24 das 20,30 às 21,30 horas.

j) No acto de pagamento, todos os alunos, qualquer que seja o curso que frequentem deverão apresentar, por cada disciplina de exame, devidamente preenchida uma ficha que devem adquirir na Cantina.

Os alunos isentos do pagamento de propina não têm que pagar qualquer importância além da destinada ao pagamento de papel e material para as provas mas deverão igualmente preencher e entregar a referida ficha, no prazo indicado para o pagamento; k) Os alunos de qualquer curso que não pagarem as propinas nos prazos estabelecidos, só poderão ser admitidos aos exames mediante pagamento em papel selado e o pagamento da multa de 100\$00 em estampilhas fiscais.

GRANDE CASINO DE ESPINHO



13 de Junho de 1965

NO RESTAURANTE m/ 21 anos

MÚSICA DE BAILE pelos conjuntos

do Maestro FERRER TRINDADE e I DON GIOVANNI

Em pleno êxito:

FERNANDO BLASQUEZ, e o seu Ballet Relicário A parilha argentina LOS HERALDS e em canções portuguesas a graciosa MARIA DILAR

Jantares-Concerto das 20 às 22 horas

Snack-Bar Esplanada

NO CINE-TEATRO

de tarde e à noite, a produção da M. G. M.

A NOITE DE IGUANA

com

Richard Burton Ava Gardner Deborah Kerr

Realização de John Huston

M/ 17 anos

A Sala de Jogo abre às 16 horas

Agradecimento



Lucinda da Silva Trindade Oliveira

Sua Família julga ter agradecido a todas as pessoas que se associaram à dor causada pela morte da querida Extinta, mas podendo ter incorrido em qualquer falta involuntária, vem desta forma repará-la manifestando a todos o seu sentido agradecimento.

A FAMÍLIA

Recordando a Feira Popular de Espinho de saudosa memória

Do sr. Ernesto Pereira de Oliveira — espírito empreendedor e dinâmico a quem, além de outros serviços, se ficou a dever a iniciativa da interessante «Feira Popular de Espinho», que funcionou nos anos de 1949 a 51, no terreno, parte dele ainda devoluto e a servir de depósito de imundícies, com frente para a Rua 21 — recebemos a carta que a seguir transcrevemos e que bem reflecte o sentimento baíxista do autor, e o desgosto com que se recorda o malogro, ao fim de três anos de luta, de tão louvável iniciativa:

—Senhor Benjamim da Costa Dias, Director do Jornal «Defesa de Espinho».

Ao ler hoje o nosso Jornal «Defesa de Espinho», que ininterruptamente aparece, todas as semanas, ao longo de 34 anos, deparei com o artigo escrito pelo «Manel da Esquina» e, confesso, se o recordar é viver, é também, por outro lado, lembrar o que sofri, e bem assim o que fiz sofrer os meus, a quem muito prejudiquei. Ne entanto, dentro do que me é possível, tenho de facto tentado contribuir para um «Espinho Melhor».

É verdade o que diz o «Manel da Esquina», ter vindo à extinta Feira Popular, para actuar dentro do recinto, nos anos de 1949, 1950 e 1951 o que havia de melhor em Bandas de Música e artistas de variedades, e pena é que tenha desaparecido uma animação que, diga-se de passagem, não ficava mal a uma terra como a nossa.

Não será descabido, talvez, lembrar que uma das coisas que mais me desgostou foi a falta de amparo, pois que para que aquele recinto funcionasse, além dos grandes encargos, ainda tinha o da própria Câmara, que me obrigava a entrar, cada ano, com umas dezenas de contos.

Direcção-Geral dos Serviços Pecuários

Serviços de Sanidade Veterinária

AVISO

DR. JOSÉ DA CRUZ MARTINS, Intendente de Pecuária de Aveiro, faz saber que, com a publicação do despacho de Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Agricultura no Diário do Governo n.º 96-I Série, de 1 de Maio de 1965, permite-se indemnizar da mesma forma os proprietários dos porcos vacinados ou não contra a peste africana, que apresentem doenças intercorrentes da vacinação e que sejam mandados abater e destruir por imperativo sanitário.

Mais se faz saber que, nos termos do despacho também de Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Agricultura, publicado no Diário do Governo n.º 269-I Série, de 16 de Novembro de 1964, a referida indemnização só é devida pelos sítios mandados abater por esta Intendência de Pecuária excluindo-se portanto os animais vítimas por doença.

Nestas circunstâncias e a fim de se ir ao próprio encontro dos interesses dos proprietários de suínos, se dá conhecimento público daquelas disposições através deste Aviso, esperando-se que, como é de Lei, os donos de porcos declarem nesta Intendência Pecuária, sem perda de tempo, qualquer caso suspeito ou confirmado de peste africana, bem como das doenças intercorrentes da vacinação.

Intendência de Pecuária de Aveiro, 1 de Junho de 1965.

O Intendente de Pecuária, a) José da Cruz Martins

Após este desabafo, peço — e leio pelo facto de não conhecer o «Manel da Esquina» — o favor de, com um abraço, lhe agradecer a justiça feita. Aceito, Senhor Benjamim Dias, os meus melhores cumprimentos.

Espinho, 6 de Junho de 1965. O amigo certo, (Ernesto Pereira de Oliveira)

Registo Social

Comendador Joaquim Marques dos Reis

Na 5.ª feira, 8 do corrente, esteve em Espinho com sua esposa, em visita de despedida ao nosso assinante e particular amigo, sr. Domingos Francisco de Bastos e esposa, o sr. Comendador Joaquim Marques dos Reis, grande industrial na Cidade de Belém do Pará-Brasil, em cuja cidade, de há anos a esta data, vem promovendo excursões Luso-Brasileiras a Portugal, com geral agrado para os Excursionistas.

A última verificou-se no dia 10 de Maio passado, chefiada pelo Ex.º Governador daquele Estado, sr. Coronel Jarbas Gonçalves Passarinho, sua digna esposa, D. Rute de Castro Passarinho, aos quais o sr. Domingos Francisco de Bastos (que bem merecia o título de Embaixador do Pará em Espinho), ofereceu um lauto almoço a toda a caravana em número superior a uma centena, no luxuoso Hotel Mar Azul, desta Vila, o qual decorreu com o maior brilhantismo, tendo-se a lamentar, não ter podido comparecer por motivo de doença, o sr. Governador, mas que se fez representar por sua esposa e o secretário.

Um facto que registamos com prazer, é, o Comendador Marques dos Reis, ter deixado um filho a estudar num Colégio próximo do Porto e ser seu desejo, fixar residência para a sua família em Espinho, onde virá visitá-la amudadadas vezes.

Como naquele Banquete o sr. Marques dos Reis, tivesse pedido ao sr. Presidente da Câmara de Espinho, para que lhe fornecesse postais e outros prospectos de propaganda de Espinho, a fim de os divulgar no jornal daquela Cidade, «FOLHA DO NORTE», do qual é colaborador, dispõe de uma página aos Domingos, dedicada a Portugal, aqueles foram entregues pelo sr. Bastos, a quem tinha sido confiada pelo sr. Presidente a incumbência para tal fim, quando aqui veio para se despedir.

A tão valeroso compatriota, que deve ter embarcado no dia 9 em Lisboa, para Belém do Pará, o Director deste jornal e o autor destas linhas, Joaquim Pinto Ribeiro, auguram uma ótima viagem e que encontre tudo a seu inteiro contento e um «Até-Breve»

PARTIDAS E CHEGADAS ETC.

Comendador Ferreira de Matos

Do Rio de Janeiro, regressou com sua dedicada esposa, sr.ª D. Ana da Cruz Ferreira de Matos, o nosso prezado assinante, sr. Comendador Francisco Ferreira de Matos, importante comerciante na antiga capital de Brasil e proprietários da Vila Manuel, desta praia. Apresentamos cumprimentos ao respeitável casal.

D. Concha Linares Becerra

Acompanhada de sua veneranda mãe, encontra-se novamente entre nós, a ilustre escritora Concha Linares Becerra Gonçalves Ramos, esposa do nosso conterrâneo e amigo, sr. Mário Gonçalves Ramos, conceituado contabilista.

António dos Anjos

Acompanhado de sua esposa, D. Helena Dias dos Anjos, seguiu para o Gerez o nosso prezado amigo, sr. António dos Anjos, importante proprietário nesta Vila. Que obtenham bom aproveitamento.

DOENTES

Encontra-se retido no leito, com gripe, o n.º amigo sr. Paulo Amorim, conceituado comerciante e activo Secretário da Mesa da S. C. da Misericórdia de Espinho. Desejamos-lhe breve restabelecimento;

—Consideravelmente melhor, já abandonou o Hospital da Misericórdia, onde esteve internado alguns dias, o sr. João Pereira Bouçon, antigo funcionário da Câmara Municipal de Espinho. Completo restabelecimento eis o que lhe desejamos.

Casamento em Paços de Brandão

Em 10 deste mês efectuou-se na Igreja Paroquial de Paços de Brandão, o enlace matrimonial da senhorinha Maria Júlia Alves Pinto, pretendida filha do sr.ª D. Laurentina Alves de Oliveira e do sr. Manuel Marques Pinto industriais em P. de Brandão, com o sr. Domingos Orlando da Costa e Silva, filho do sr.ª D. Constância da Costa e Silva e do sr. Manuel António da Silva, industriais em Leoures.

Paraninfaram: por parte da noiva a sr.ª D. Maria Angela Oliveira Pinto Soares e sr. José do Couto Soares, respectivamente irmã e cunhado da noiva; e por parte do noivo, a sr.ª D. Idalina Isabel da Costa e Silva Ferreira e o sr. Armando Alves Ferreira, irmã e cunhado do noivo.

A missa foi acompanhada por um grupo musical do Porto.

Findo o acto religioso, na linda vivenda da quinta dos pais da noiva no lugar da Portela, foi servido um lauto «Copo de Água» a cerca de duas centenas de pessoas entre as quais as melhores famílias de Paços de Brandão, de Leoures, etc..

Os noivos que receberam muitas e valiosas prendas, seguiram ao fim da tarde, em viagem de núpcias para o Sul do País. Desejamos-lhe muitas felicidades.

MOMENTOS

por ZACARIAS DE OLIVEIRA

Não faças do mar uma banheira grande, onde sabe bem arremessar com o corpo nas tardes de verão quente: passeia pelo mar os olhos ansiosos e dilata a alma por essa lonjura que beija à distância o céu e pelo céu é beijada.

Não fiques em casa, de ciência na mão, no estudo das marés, do recorte áspero ou suave das praias, das funduras abissais, das variedades úteis dos peixes ou das algas: descansa um olhar atento e vagaroso no verde leve de uma folha de alga.

Não olhes o mar como uma represa enorme que tanto jeito faria na rega dos campos, nem penses como lhe aproveitar aquela força que o não deixa estar quieto nem sequer para o momento de um bocejo.

Olha o mar e reconhece um sentido utilitário, um outro de curiosidade científica e ainda um terceiro de prazer para o corpo cálido. Mas não fiques aí. Nem o sujes com a paisagem fútil — paisagem humana, pois só esta pode atingir e permanecer na futilidade — de uma praia elegante e em moda. Vai um

pouco mais longe, vá o mar com os olhos da alma.

Andamos tão apressados sobre a terra, com receio de não apanhar todos os comboios, que nem sequer descobrimos a beleza semeada por Deus para tornar menos pesado o exílio ou desterro. E' em verdade a primeira fase da vida humana, esta em que o tempo a marca com o envelhecimento, um exílio. Mas no exílio há amostras da pátria, podendo descobrir-se e percorrer-se os caminhos de saída. De apressados, nem sequer damos por eles. Será então de espantar esse ar de ansiedade ou esse generalizado sentimento de prisão?

O mar aí está. Espraia-se preguiçoso ou ergue-se atrevido. Ondula corcovas ou insinua seara ao vento. Une continentes e raças, permite ousadias de gesto antiga, assim como sabe brincar com os rochedos e a areia. Espelha o céu e colora-se com o arco-íris do sol poente. E' um livro onde tanto se pode ler. Um livro onde até a alma humana se encontra e a muitos dos seus mistérios.

Zacarias de Oliveira

DEFESA

Secção
de
Letras e
ArtesDIRECÇÃO DE
BENJAMIM DA COSTA DIAS

N.º 27

Literária

Coordenação de JOAQUIM COUTO RODRIGUES DA SILVA

Música clássica da alta Escócia
para a gaita de fole

O Pibroque

O Dicionário da Música de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça atribui ao termo «pibroque» duas distintas significações: a) a de uma gaita de fole tipicamente escocesa; e b) a de «uma espécie de canção de úrlar, como se diz no país». Esclarece ainda que se trata, nesta última acepção, de «uma melodia cheia de ornamentos, em forma de apojecturas largas, escapos ou acicaturas». Há (ou havia), pois, o «pibroque-instrumento» e o «pibroque-melodia». Nos seus tempos heróicos, que se situam entre os séculos XVI e XVIII, o «pibroque-melodia» (e só este aqui nos interessa) era melopeia satírica ou puramente lírica, quando não toada de combate, de saudação ou

pelo Eng. Rebelo Bonito

lamentação. Trate-se de um género complexo, espartilhado em regras fixas, porém inteiramente diferenciado de toda e qualquer música clássica europeia escrita nos últimos quatro séculos.

O «pibroque» consta geralmente dum tema básico chamado úrlar e de uma ou mais variações. A sua estrutura é um misto de liberdade e rigidez-liberdade nos adornos e invenção melódica; regidez na estrutura métrica e rítmica.

A unidade convencional de medição era o finger, e o úrlar compunha-se de quatro «quartos» iguais, cada um com 2,4 ou

8 fingers identicos. Cada trecho completo era formado por quatro unidades iguais, contendo 8,16 ou 32 compassos. O «pibroque» é longo e a sua monotonia resulta compensada pela riqueza dos ornamentos e o engenho das variações.

Conhecem-se mais de 250 «pibroques». Sob a orientação de R. L. C. Lorimer, e com a colaboração do British Council, acaba de ser editado em Edimburgo um long-play de 33 1/3 de rotações por minuto contendo dois «pibroques»: *Clan Campbell's Gathering* (Concentração do Clã Campbell) e *Black Donald's March* (Marcha de Black Donald). O primeiro é tocado (em gaita de fole) por John Machellan e o segundo por John Burgess, tendo este como cantor auxiliar a Calum Johnston, na exposição do úrlar, em estilo mimético. Gravação nítida e absolutamente perfeita.

Assim, podemos agora apreciar, em toda a sua surpreendente originalidade, um género de música já definido, embora sucintamente, por lexicógrafos portugueses.

REBELO BONITO

«Defesa Literária» ganhou responsabilidades e conseguiu um lugar de destaque no panorama actual literário português

disse-nos FRANCISCO MANUEL DO COUTO

Entrevista de Joaquim Couto Rodrigues da Silva



FRANCISCO MANUEL DO COUTO

Francisco Manuel do Couto nasceu em Maio de 1939, em Nogueira da Regedoura-Feira, mas cedo veio para Espinho. Matriculado na Faculdade de Direito de Coimbra, foi chamado ao serviço militar, onde se encontra presentemente. Adolescente ainda, começou a interessar-se pela Literatura e problemas do espírito. Escreveu uma novela, «Maresia», ainda não publicada, com personagens e ambiente de Espinho. Possui, ainda, colaboração dispersa por alguns jornais e revistas e coordenou «Defesa Literária», durante 4 anos, que enriqueceu sob múltiplas facetas.

Nesta hora de transição, achamos por bem que a melhor forma de lhe tributarmos a nossa admiração, não seria repetir as velhas e já gastas palavras da praxe em tais circunstâncias mas lembrá-lo à mente dos leitores por um diálogo vivo. A nossa conversa, fruto duma encruzilhada, versou, como é natural, sobre suplementos literários. Começamos por lhe perguntar:

Como surgiu «Defesa Literária»?

— Em Novembro de 1961, saía na

«Defesa de Espinho» uma página literária intitulada «Suplemento Cultural, dirigida por Luís Delmar. Nessa altura, andava eu a pensar em propor ao director da «Defesa» a criação duma página cultural. O aparecimento de «Suplemento Cultural» deu-me oportunidade a que enviasse para a redacção 2 artigos, um sobre os Monumentos históricos da Núbia e outro sobre Júlio Dantas, para serem inseridos no suplemento. Por razões que agora não vem a propósito, o suplemento estagnou e, então, o senhor Benjamim da Costa Dias convidou-me a dirigir o suplemento. Aceitando o encargo, continuei a página com o mesmo título do primeiro número. Os números foram-se sucedendo, até que verifiquei que a página era quase exclusivamente dedicada à literatura. Resolvi, então, de parceria com Vielle Moutinho, que nessa altura coordenava a página comigo, e de acordo com o director do jornal, substituir o nome por «Defesa Literária», mais de acordo com o conteúdo do mesmo. Assim nasceu «Defesa Literária», que apesar das dificuldades de toda a ordem, nomeadamente financeira, graças à boa vontade do Senhor Benjamim Dias e manter-se-á se lhe assistir o mesmo ânimo, o mesmo sacrifício, a mesma boa vontade e o mesmo esforço que lhe deram até agora. São estes os meus votos.

Se começasse, hoje, a coordenar «Defesa Literária», dar-lhe-ia a mesma estrutura e âmbito? Que lhe disse a experiência?

— Não tenha dúvidas. A página, no que se refere ao seu aspecto gráfico e à sua estrutura, é das melhores que se publicam na Imprensa Regional. Julgo até, que é o único suplemento literário da Imprensa Regional, que é composto a duas cores. «Defesa Literária» ganhou crédito no meio literário português e esteve representada nos 2 encontros de páginas e suplementos culturais, realizados na Figueira da

Foz e em Caseais. Numerosos artigos foram transcritos noutras páginas literárias, além de referências elogiosas e incitamentos. «Defesa Literária» ganhou responsabilidades e conseguiu um lugar de destaque no actual panorama literário português.

Crê que um suplemento literário não pode estar aberto aos novos porque o podem deturpar ou, pelo contrário, deverá constituir incentivo para uns e tranpolim para outros, que por falta de oportunidades continuam adormecidos, apesar das suas potencialidades?

— Um suplemento literário da Imprensa Regional, como qualquer outro deve estar aberto aos novos, até porque a maior parte dos suplementos que conheço são dirigidos por jovens. «Defesa Literária» não fugiu a esse princípio e acolheu todos aqueles que se lhe dirigiram. Foram poucos, ou porque não existe nos jovens o gosto de escrever ou porque se acanharam de publicar as suas produções. Os poucos acolhidos foram revelação e, se me permite, referenciava o José Vielle, a quem talento não falta. Deverá haver abertura, mas baseada num critério rigoroso de selecção, como é natural.

Apesar disso, não lhe parece que nestes 4 anos «Defesa Literária» viveu demasiado centralizada e nem sempre foi oportuna?

— Parece que houve uma centralização, mas se isso aconteceu, foi por falta de colaboradores.

Qual lhe parece que deverá ser a natureza duma página literária, concretamente da Imprensa Re-

Continua na página seguinte

Arqueologia,
História...

CONTINUAMOS, neste número, a publicação da valiosa monografia sobre o Castelo da Feira, da autoria do ilustre escritor feirense, Dr. Vaz Ferreira. Por se tratar de um alto e valioso estudo, pleno de probidade crítica e histórica, praticamente inédito, pois só foi publicado em 1938 no «Arquivo do Distrito de Aveiro». «Defesa Literária» em homenagem a tão insigne investigador, publicará, na íntegra, todo o trabalho, consagrando na sua modéstia tão ilustre filho das Terras de Santa Maria.

O pavimento superior interceptou as nervuras da abóbada que estão escalavradas para dar passagem às travessas do soalho. As pedras das fiadas, em que se meteram estas travessas, foram desviadas, coincidindo o seu corte com o das de baixo ou de cima, em vez de contrariarem. Prova isto que os construtores da abóbada não previram esse segundo andar. Mas deve ter sido feito ao mesmo tempo que o resto da torre; porque, tanto na chaminé dele como nos degraus da escada de caracol entre os dois pavimentos, existem siglas iguais às que se vêem nas paredes, abaixo do nascimento da abóbada, no eirado e em outras partes das construções coevas em redor da torre.

Encostam ao torreão do nordeste uns muros com seteiras sobrepostas, uma porta ogival e uns merlões cortados obliquamente para diante e servidos por um adarve sobre abobadilhas de tijolo e por uma escada encostando à saliência do torreão. Tudo isto mostra ser postígio, sem préstimo nem motivo militar, aproveitando porta e seteiras de partes demolidas e arranjado para embelezar a frente da porta

principal do paço dos condes. Liga este muro de enfeitado, em angulo, com as paredes arruinadas da antiga alcova coeva da torre de menagem, às quais sobrepuseram um fingimento dos mesmos merlões de tijolo, mas só a meia espessura. Forma este recanto um largo patim para que sobem compridos degraus de granito com bucel e pouco altos, a evidenciar serem muito posteriores à construção ogival.

Encostada à face do outro torreão do noroeste sobe uma larga escada direita ao patamar que se prolonga rente à parede, com portas para o terreiro ao poente da torre e para uma saliência assente em cachorrada contendo as sentinas e, por cima, um cubelo lo com o seu adarve pela banda do sul. Deste patamar descem dois degraus para o largo adarve que limita a esplanada ou praça de armas ao poente, tem cavadas quatro besteiras cruciformes abrindo sobre troneiras redondas e serve a alta muralha amerloada onde encosta um dos lanços da barbacã. Ao princípio deste adarve er-

Continua na página seguinte

Ati, leitor, temos algo a dizer-te. Queríamos lembrar-te que tens aqui o teu cantinho. Não julgues que esta página é só de um ou de poucos. Não! É de jovens e para jovens. Você, leitor mais idoso, também está incluído. Ela pretende ser canal por onde emanarão as ideias de todos os jovens de espírito são e de todos os velhos de espírito jovem.

Conversando...

Devemos dar as mãos uns aos outros e construirmos algo de válido, seguindo não naquela linha de exibicionismo ou da sede de louros, mas naquela outra bem mais positiva e digna que é a paixão pela cultura e o dever de a incutir nos outros.

Queremos que ganhes capricho por esta página, a aguardes com ansiedade, e a dês a conhecer cada vez mais e, sobretudo, a premeies com a tua colaboração.

A poesia ocupará lugar de destaque. Sabemos que guardas as tuas composições; os jovens são naturalmente poetas... Afirma-te, vai ao fundo da tua gaveta privada e envia-nos as poesias que mais gostares.

Em breve reataremos o diálogo. E então, já não te queremos chamar leitor, mas colaborador. Entretanto, vamos fazer de «Defesa Literária» a NOSSA página?

ENTREVISTA COM FRANCISCO MANUEL DO COUTO

Continuação da página anterior

gional, e qual deverá ser a sua acção primeira relativamente ao meio que a cerca?

— Dar a conhecer ao público leitor a literatura portuguesa antiga a contemporânea, ora através de artigos e crónicas, ora de apreciações críticas, ora através do diálogo vivo em entrevistas oportunas com figuras literárias de destaque no actual panorama literário português. Dar ainda a conhecer o movimento editorial do país e as obras mais significativas da literatura mundial. Uma página literária nunca deve limitar-se a um meio; deverá ter um âmbito mais universal.

Crê, então, que uma página não tem nenhuma missão específica, primeira, relativamente ao meio que a cerca?

— Creio que não.

Que nos diz do papel que as páginas literárias podem ter relativamente a crítica de livros. Parece-lhe que essa tarefa tem sido enfrentada com todo o rigor e proibida crítica?

— A crítica de livros não tem sido feita, na verdade, como deve ser, mas

a culpa não cabe ao que orienta ou dirige a página. «Defesa Literária», assim como todos os outros suplementos, lutou sempre com falta de espaço. Por consequência, a maior parte da crítica teve de resumir-se a uma pura e simples recensão, apontando por alto as virtualidades e defeitos das obras em causa. Este estado de coisas, só acabaria se se conseguisse uma página literária com 4 ou 5 páginas, sonho dispendioso que os jornais não podem suportar.

Que se lhe oferece dizer sobre os suplementos literários e a *Imprensa Regional*?

— Há quem não dê valor aos suplementos literários da *Imprensa Regional*. E o que é mais triste e desolador é que alguns dos que poderiam usufruir mais frutos no fomento e na ajuda destes suplementos, são os primeiros a não darem o merecido valor e atenção ao esforço destas páginas. Falo, primeiramente, de alguns editores que nunca mandaram as suas edições para recensões críticas. Estarão convencidos que a página literária da *Imprensa Regional* é menos lida que a da *Imprensa Diária*? Se assim julgarem estão enganados. Não saberão que o jornal da terra é lido numa ponta à outra por toda a família, desde o pai ao filho mais novo e que o jornal diário é quase só lido pelo pai? Desconhecem que desde que apareceram

as primeiras páginas literárias regionais, de há 5 ou 6 anos a esta parte, as edições se sucedem mais rapidamente? Isto só mostra o papel divulgador, formativo e informativo dos suplementos literários da *Imprensa Regional*, que se tem imposto ao público e do qual sente o apoio.

Ao contrário destes editores, houve outros, felizmente que compreenderam o alcance e valor dos suplementos de cultura da *Imprensa Regional*, enviando desde a primeira hora as suas edições para a respectiva recensão crítica. Justo é aqui salientarmos a Editorial *Estúdios Cor*; e *Bertrand*, Publicações Europa América, Lda *Minerva*, Ed. Estampa, Ed. Arcádia e *Imbondeiro* que sempre nos acompanharam numa demonstração de confiança e justiça.

Quer aproveitar esta oportunidade para dizer algo de especial?

— Sim, se me permite. Queria aqui testemunhar, publicamente, a minha admiração e o meu reconhecimento pelo Senhor Benjamin da Costa Dias, digno director deste jornal, espírito desempoeirado e sempre jovem, que sempre me apoiou e acarinhou na confecção desta página, não olhando a sacrifícios e a despesas.

A «Defesa Literária» desejo que prossiga sempre, altaneira e independente, para bem de Espinho e da cultura portuguesa.

JULIO DINIS

A Caminho do Realismo

Em qualquer sector da História, mesmo nas suas teses e antíteses, nunca há compartimentos estanques: ela mesma é «sucessão».

Na História da Literatura Portuguesa, entre duas escolas antagónicas na sua ideologia e nos seus princípios, — uma, o Romantismo, sujeita já à «lei dos exageros» que a decadência de qualquer escola traz consigo; a outra, o Realismo, prestes a modificar o rumo das nossas Letras — um escritor surge, no romance, a fazer essa necessária «ponte de ligação» entre «margens opostas». Júlio Dinis (o pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho) é — além de outros, note-se — esse romancista de eleição que, seguindo os passos descobertos pelo seu talento mais do que pela influência estrangeira, consegue rasgar novos horizontes à nossa literatura romanesca.

Quando Júlio Dinis ensaia as suas primeiras novelas, o romance português está ainda em pleno romantismo. À sua volta rodeiam-no folhetinistas, ainda presos às teias da mentalidade romântica, que era, em grande parte, a sua. Mas Gomes Coelho, cortando com o «voltar-se para o passado» tão do gosto da sensibilidade romântica, envereda pelo romance de actualidade. Tal facto, não sendo embora caso único, não deixou de surpreender a ambiência literária portuense e portuguesa. Eça de Queirós viria pouco depois confirmar quanto ele se aproximava dos novos tempos: «O Realismo deve ser perfeitamente do seu tempo, tomar a sua matéria na vida contemporânea».

Como diz Gaspar Simões, Júlio Dinis sabe superar, na sua obra, o «enfatuamento sentimental» do romance em voga. A observação dos caracteres, a descrição precisa e com verdade da maneira de ser das suas personagens ultrapassou toda a «espécie de arrebatamentos líricos e de emocionação retórica». O retrato moral e físico de cada uma das suas figuras que irão comparecer na sua história simples, isso o preocupa. «Cria personagens entre quem se deve passar a acção, dota cada qual do seu carácter próprio

e individual, carácter escolhido estudado na vida real» — são palavras do próprio Júlio Dinis.

Trilhando novos caminhos, não o fazia no entanto às escuras e ao acaso. Se bem que estivesse ausente do seu espírito a doutrinação rígida de qualquer escola, sobretudo estrangeira, é inegável que os escritores realistas ingleses (dum realismo «sui generis») nele exercem influência. A sua mentalidade nova explica-se mais e melhor pela formação intelectual, que, além de o aproximar do positivismo científico da época, aperfeiçoou os dotes naturais de «espírito de observação e b-m concreto sentimento da realidade». Em «ideias que me ocorrem» incluídas nos «Espanços e Inéditos», podemos ali verificar quanto pensava no romance e o que dele pensava: «A verdade parece-me ser o atributo essencial do romance bem compreendido, verdade das descrições, verdade dos caracteres, verdade na evolução das paixões e verdade, enfim, nos efeitos que resultam do encontro de determinados caracteres e determinadas paixões». Sublinho proposadamente a palavra «verdade»: será a verdade a máxima preocupação dos mestres do realismo, infelizmente uma «verdade» muitas vezes exagerada e particularizada.

A simplicidade de estilo e de composição, com uma prosa muito coloquial, tanto quanto era permitido a um escritor que com toda a certeza não estava ainda na plena posse das suas facultades como artista da linguagem, está no trilho iniciado pelo Garrett das Viagens e levado à perfeição pelos mestres realistas — Ramalho e Eça.

Na opinião conceituada de Gaspar Simões, como aliás na nossa, Júlio Dinis foi o «primeiro escritor que deu à ficção portuguesa o estrito sentido da realidade». Na sua obra, apesar de tudo quanto o prende ainda ao idealismo romântico, pode-se apalpar muito de realismo, que ainda não é — nem nunca quis afirmar isso — o Realismo de escola que Eça teorizou em 1870 no Casino Lisboense. Não o é, mas prepara-o unindo no «presente» da sua obra o «pas-

sado» ao «futuro».

De qualquer forma, um escritor que avança barreiras e corta amarras que obstruíam e coarctavam a nossa literatura romanesca, é sem dúvida um grande escritor. E a popularidade que o público leitor, de ontem e de hoje, talvez por outros motivos, lhe tem dado e continua a dar, nada acrescentaria ao seu valor, se o seu mérito próprio não o justificasse como romancista de eleição, que soube transcender a «pequenez» numérica da sua obra.

ARQUEOLOGIA,
HISTÓRIA...

continuação da página anterior

gue-se um cubelo saído e pensado no declive que cobre a casamata destinada à defesa da porta da vila, antes da existência da barbacã.

Frenteiro, ao leste da praça de armas, há um parapeito posto só para resguardo no sitio onde corria grossa muralha com o seu adarve e besteiras cavadas sob este, se viu nas escavações aí praticadas para pesquisas.

Por fora, a uns quatro metros desta existem restos de outra muralha quasi paralela que devia subir a meia altura da interior. Não se encontram ainda vestígios da comunicação para serventia do adarve da muralha exterior.

Ao norte, sobre a poterna, seguem os parapeitos amarelados, depois de um terraço cobrindo o cubelo da porta da vila que foi decapitado, substituindo os seus merlões um parapeito assente num rebordo inexplicável em fortaleza daquelas épocas. Deste terraço até à saída da poterna prolonga-se o chão empedrado a findar no patim por cima do arco da poterna, donde descem por ambos os lados, escadas desiguais para a praça de armas.

Entretanto com a linda torre de menagem, no outro extremo da esplanada, avança para o norte uma ponta da muralha, na qual, a 8 de Julho de 1938, se descobriu uma velha ameia terminada em quina aguda, como as dos castelos de Guimarães, Lanhoso, Penedono e tantos outros dos séculos X a XII existentes no nosso país. Apresenta, porém, a especialidade de ter ao meio uma seteira rectangular.

Toda a correspondência para esta página deve ser dirigida para:

Joaquim Couto R. Silva

Rua 9 n.º 393 - 393 - Espinho

O Homem dos
Passos Meditados

ao Chico Couto, com um abraço
do Viale Moutinho

Alquímico dos instantes à mesa do café
o teu arco paralelo às coisas vivas
é a própria vida para dar
os poemas do Homem para os Homens
no segredo do olhar quieto
no itinerário longamente meditado
como os passos no interior da vila
das areias do sol e do tempo
de palavras próprias
do Amor Constante

No abraço eventual de cada Amigo
a apoteose num instante ingrato
e a Esperança está nos lábios e nos dedos
de cada pessoa que procura

Porto, 1 de Maio de 1965

A propósito de Bocage

por José Gonçalves

Foi há 200 anos — mais precisamente em 15 de Setembro de 1765 — que nasceu, em Setúbal, um dos maiores poetas portugueses: Manuel Maria Barbosa du Bocage.

É abundante e variado o que sobre ele se tem escrito. Apesar de tudo, e sem a pretensão de dizer algo de novo, valerá a pena recordar duas características marcantes da sua vida e da sua obra: camonianismo e pré-romantismo.

Não poderá escapar, a quem fizer um estudo ainda que superficial sobre Bocage, a observação dos traços comuns entre este poeta e o grande lírico que foi Camões.

Isso se nota, antes de mais, na vida dos dois poetas. Ambos viveram, igualmente, horas de boémia, de apaixonados arrebatamentos amorosos, de entusiasmos épicos, de miséria, como, por vezes, de um quase desespero. No fundo, é um mesmo temperamento inconstante, uma mesma sensibilidade exaltada e impetuosamente apaixonada — que palpita em ambos. Aliás, Bocage deu-se bem conta desta semelhança, e até, podemos dizer, esforçou-se por tornar mais profunda. Não estaria por certo longe de si a lembrança do inspirado autor do «Alma minha gentil» quando, por decisão pessoal, tomou o navio que o levaria à Índia e quando, daí, fugiu para Macau. O camonianismo, uma das maiores paixões literárias do século XVIII, contagiara-o. E ainda bem, acrescentemos, pois que, para um espírito com independência literária, só pode ser proveitoso o contacto com um mestre da categoria de Camões.

Mas se Bocage é camonianista de vida, não o é menos de obra. Vivendo este na época do neoclássicismo arcádico, como Camões vivera no período da Renascença clássica, ambos souberam aliar à perfeição da forma a facilidade e a maleabilidade da expressão. Estas qualidades são particularmente observáveis na difícil forma do soneto, que tão bem souberam cultivar. A espontaneidade e o repentismo dos seus versos foram duas das razões que, merecidamente, fizeram conservar, para a posteridade, Camões e Bocage como dois grandes da nossa Literatura.

Outra característica marcante da vida e mais ainda, da obra de Bocage é o seu pré-romantismo (e aqui também se poderia fazer a aproximação com o Camões de alguns sonetos). Cultivando com real mestria as formas clássicas que a Nova Arcádia se propunha seguir à risca, Bocage é, contudo, alguém que se sente coagido, limitado, pelo espartilho do convencionalismo clássico. Pelo fogoso verismo sentimental que transmite aos seus versos, Bocage preannuncia o individualismo romântico, é pré-romântico. É precisamente este Bocage com laivos de individualismo romântico que a sua escola — o Elmanismo — pretende seguir e imitar. Amor, ciúme, desespero, exílio, morte, são temas, dos poucos versados por Bocage, que o romantismo cultivará com gosto — até com mau gosto... — no ultra-romantismo. Por tudo isto se poderá afirmar, com razão, que Bocage é um romântico que exprime em formas clássicas o seu ardente lirismo. Talvez esteja aqui nesta conciliação do paradoxo romantismo-servilismo clássico, um dos seus maiores títulos de glória.

ESCA
PARA
TE

(Livros Recebidos)

Fogo na Noite Escura, de Fernando Namora

Situação da Arte Moderna, de Jean Casson.

A Promessa, de Friedrich Durrenmat.

Publicações Europa-América

A Grande Calema, de Hubert Von Breisky.

Escrúpulos de Maigret e Maigret e o Corpo sem Cabeça, de Simenon.

Onze Histórias de Solidão, de Richard Jeats.

As Grandes Controvérsias da História Contemporânea, de Jacques Launay.

Fernão de Magalhães, de Leonce Peillard.

Carne para Canhão, de James Jones.

Livraria Bertrand

Teresa Raquin, de Emílio Zola.

Um Casamento do Após-Guerra, de Carlo Cassola.

A História da Música, de Franco Abbati.

Os Sonâmbulos, de Herman Broch.

Contos do Don, de Chokolov.

Electricidade, (Coleção «Vamos aprender Ciência») de Walther Shepherd.

O Mundo dos Seres Vivos, (Coleção «Vamos aprender Ciência»), de Francis Jackson.

Arcádia

O Homem à Procura de Si Mesmo, de Jean Bourret.

Guilherme e o Explorador, de Richmal Crompton.

Barrabas, de Par Lagerkvist

Ed. Estúdios Cor

Um Arbusto Entre os Calhaus, de Fernando Grade.

Ed. do jornal «A Nossa Terra»

A Caça em Portugal, 22.º fascículo, editado por

Ed. Estampa

FRANCISCO MANUEL DO COUTO

Relatório e Contas da Câmara Municipal de Espinho

relativo ao exercício de 1964
(Continuação do n.º antecedente)

Receita Extraordinária

Durante o ano de 1964 foram recebidas várias participações do Estado e um donativo de uma empresa particular, tendo a seguinte proveniência e destino:

a) — Pelo Fundo de Desemprego		
1) — Para «Conservação corrente das vias rodoviárias municipais»	27 425\$00	
2) — Subsídio concedido para «Assistência Técnica às câmaras municipais»	40 468\$50	
3) — Para a obra de «Pavimentação de ruas na Vila de Espinho — 5.ª e 6.ª Fases»	287 176\$00	
4) — Para a obra de «Construção de casas para famílias pobres em Espinho»	70 000\$00	
5) — Para a obra de «Construção da Lota da Praia de Espinho»	65 488\$00	
6) — Para a obra de «Saneamento de Espinho», para entrega aos Serviços Municipalizados	20 000\$00	510 557\$50
b) — Pelo Orçamento do Estado		
1) — Para a obra de «Construção de casas para famílias pobres em Espinho»	5 113\$00	5 113\$00
c) — Pelo II Plano de Fomento		
1) — Para a obra de «Caminho Municipal da Estrada Nacional 109 (Senhora da Guia) e o Apeadeiro de Paramos, pelo lugar do Monte — Reparação — Trabalhos adicionais»	22 170\$00	22 170\$00
d) Pelo Fundo de Turismo		
1) — Subsídio concedido para a obra de «Construção de um poço de abastecimento de água salgada à Piscina-Solário Atlântico»	150 000\$00	
2) — Subsídio para melhoramentos na Piscina-Solário Atlântico	12 000\$00	142 000\$00
e) — Donativos de particulares		
1) — Donativo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa para alargamento da Rua 18, junto à Agência na Vila	2 000\$00	2 000\$00
Total.		681 840\$50

Foi modesto o saldo com que se transitou para 1965, cifrando-se apenas em 282 291\$10.

Na verdade, os grandes encargos que assoberbam a Câmara, com o funcionamento dos seus vários serviços e os elevados compromissos com empreitadas em curso, que ultrapassaram 5 500 contos, não possibilitaram que aquele saldo tivesse um alto nível.

Receita dos Serviços de Turismo

Dispõe o artigo 118.º do Código Administrativo que as zonas de turismo cuja sede coincida com a sede do concelho serão administradas pelas respectivas câmaras municipais, circunstância que se verifica no que concerne à de Espinho.

Compete, pois, ao Município a administração da respectiva zona.

Foi a seguinte a receita arrecadada em 1964:

Receita ordinária	273 369\$90
Reembolsos e reposições	250\$00
Consignação de receitas	6 760\$40
Soma	280 380\$30
Receita extraordinária	43 000\$00
Total da Receita	323 380\$30

(Continua no próximo número)

Vende-se

Prédio acabado de construir na Rua 28 entre a 19 e 21. Trata Agência Prata. Rua 20 — Espinho.

Aprendiz

Precisa-se para uma boa arte de 14 a 15 anos. Resposta a este jornal, ao n.º 89.

Por motivo de partilhas

VENDE-SE

Prédio de r/c e andar na Rua 62 n.º 327/335 com frente para a Rua 9

Recebe propostas: Solicitador J. OLIVEIRA Rua 19 n.º 457 Telefone 620770

AGENTES EXCLUSIVOS

para venda de máquinas agrícolas de pequeno porte

Importante organização a iniciar em breve a sua actividade, pretende entrar em contacto com entidades interessadas.

Resposta à Avenida António Augusto de Aguiar, 24-A LISBOA 1

Snack-Bar — Restaurante em Espinho

Passa-se Snack-Bar—Restaurante GOLFINHO com todo o seu recheio

ACEITAM-SE PROPOSTAS

Pagamento Adiantado de Assinaturas

Quadro de Honra de «Defesa de Espinho»

Demonstrando o seu apreço pelo nosso modesto semanário e bem assim dando uma prova de confiança à sua Administração, dignaram-se pagar adiantadamente, e sua assinatura de ano corrente, os seguintes prezados assinantes que, em prova de reconhecimento inscrevemos no Quadro de Honra da «Defesa de Espinho».

Constituem no, além dos dignos assinantes já mencionados nos números transactos, mais os seguintes:

Francisco Domingos de Oliveira, Porto; Tenente António Pinto Loureiro, de Silvalde, Joaquim Alves de Oliveira e Silva, do Rio de Janeiro, por intermédio do sr. Tenente Pinto Loureiro; Serafim dos Santos Tavares, de Espinho; Francisco Martins Gomes, da Póvoa do Varzim.

A todos os dedicados assinantes, os nossos agradecimentos.

Espectáculo a favor dos Bombeiros Vol. de Espinho pelo Orfeão de Espinho

Dedicado à Associação H. Bombeiros Voluntários de Espinho, e o seu produto destinado às obras de remodelação da sua sede, realizou o Orfeão de Espinho na passada terça-feira, dia 8, no Teatro S. Pedro, um variado e agradável espectáculo.

Após o plano, o presidente da Direcção dos referidos Bombeiros sr. Joaquim Moreira da Costa Jr., ladeado pelos srs. Alvaro Antunes Moura, vice-presidente, Joaquim Fernandes de Sousa e Alberto Padrão, secretários, em nome da Associação beneficiária agradeceu a iniciativa do Orfeão e terminou colocando no seu estandarte um laço em sinal de reconhecimento.

A seguir, o Corpo Coral do Orfeão sob a regência do professor sr. Mário Neves, entou com admirável afinção, os seguintes números, que foram muito aplaudidos: — Aleluia — Michel Pretorius; — Pange Língua — J. S. Bach; — Pescador — Fausto Neves; — Rema-tema (dois cantores vareiros) e «Ode a Espinho» — Fausto Neves.

A II Parte — pelo Grupo Cénico do Orfeão, constou da engraçada comédia em 1 Acto: «O Copo do Paulino» — original de Artur Horta, que é uma autêntica fábrica de gargalhadas, teve desempenho feliz por parte de todos os intérpretes, salientando-se, porém, Maria Filomena P. Cunha no ingrato papel de Constança Paulino.

A III Parte — Acto Variado — apresentado com graça e elegância pelos locutores Joaquim Jálilo e Odete Flora R. Marques, foi constituído por uma série de variados números entre os quais, canto em que se revelaram algumas vocações femininas, declamação, ginástica-rítmica, danças e o quarteto — «Os Jograis de Espinho» — que pela sua cômica apresentação e pelas piadas alusivas a problemas locais, provocaram autênticas gargalhadas.

A seguir, foi apresentado, em estreia, um rapaz de condição humilde mas que revela vocação para imitar cantores de fama — talvez um futuro émulo do artista espinhense «Joaquim». Daquela massa é que eles se fazem!

E o espectáculo terminou com a «Marcha dos Bombeiros» executada por uma dúzia de meninas fardadas de Bombeiro e fazendo evoluções ao som de adequada música.

A assistência que enchia quase por completo a casa, não regateou aplausos.

Cabine de Som

A exploração da cabine-sonora da Avenida 8, foi mais uma vez entregue à sociedade local PUBLI-SOM, que se encontra em actividade desde o dia 1 do corrente, sob a orientação do criterioso locutor Ferreira Henriques.

Que tenham paciência os interessados,

Falta de espaço e de tempo.

Temos para publicar vários originais entre os quais anúncios, que, por nos serem entregues bastante tarde, não pudemos inserir neste número.

PARA
CÂMBIO E VIAGENS
UTILIZE A ORGANIZAÇÃO



TURISMO

RIO DE JANEIRO
AV. RIO BRANCO, 125-B
COPACABANA
AV. N. S.ª DE COPACABANA, 391-B
S. PAULO
RUA 3 DE DEZEMBRO, 64

CORRESPONDENTES EM PORTUGAL

PINTO DE MAGALHÃES BANQUEIROS

UMA ORGANIZAÇÃO MODERNA E EFICIENTE
PARA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PORTO—LISBOA
AMARANTE—ARCOS DE VALDEVEZ
CHAVES—COVA DA PIEDADE
ELVAS—PENICHE—TOMAR
VILA DA FEIRA—FÁTIMA



RIO DE JANEIRO

BANCO PINTO DE MAGALHÃES S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86

O nosso antigo e brilhante colaborador, sr. Alberto de Brito foi agraciado pelo sr. Ministro das Corporações

Em comemoração das suas «Bodas de Prata» a União de Grémios dos Comerciantes do Porto promoveu no penúltimo sábado, uma brilhante sessão solene, à qual presidiu S. Ex.ª o Ministro das Corporações, Dr. Gonçalves Proença, achando-se presentes os srs. Governador Civil e outras autoridades, civis, militares e eclesásticas.

Nessa sessão, o presidente do referido Grémio, sr. dr. Rebelo Cotta, propôs que o Sr. Ministro concedesse a medalha de Mérito Corporativa ao sr. Alberto Nogueira Ribeiro de Brito, como «um dos mais dedicados e activos membros directivos que tem passado pela União de Grémios, que lhe deve um brilhante período de resurgimento e a cujo organismo continua a prestar, apesar da sua doença, a sua valiosa e inteligente actividade».

A revelação do sr. dr. Rebelo Cotta foi calorosamente aplaudida pela assistência, pelo reconhecimento das altas qualidades do nosso distinto amigo, sr. Alberto de Brito, pessoa muito querida de todos os espinhenses.

Daqui lhe dirigimos um abraço de felicitações muito sinceras.

Precisam-se

Fábrica de candeeiros em Espinho, aceita fundidor e latoeiros competentes, ajudantes de banca ou aprendizes. Resposta ao Apartado 16 ou Telef. 920080 — Espinho.

NECROLOGIA

D. Rosa Gomes Arruda

Na passada sexta-feira, dia 11, ao cabo de prolongado sofrimento faleceu na sua casa, à Rua 4, a sr.ª D. Rosa Gomes Arruda, viúva, de 85 anos, natural e proprietária nesta Vila.

A veneranda extinta era mãe extremosa dos nossos prezados assinantes, srs. Adriano Rodrigues Pinto Pinhal, ausente em Lourenço Marques, Candido Rodrigues Pinto Pinhal, e Manuel R. Pinto Pinhal, ausentes em Nampula, Moçambique, e tia de D. Rosa Gomes Arruda, com quem vivia e do sr. António Pereira de Almeida, empregado comercial nesta Vila.

O funeral teve lugar ontem à tarde de casa da finada para o cemitério municipal, com rezos rezados na Igreja Matriz.

A urna foi conduzida numa viatura dos Bombeiros V. de Espinho, sendo portadores da chave e da toalha respectivamente os srs. Carlos Reis Pinhal e Manuel Serrano Pinhal, netos da extinta.

—A toda a família enlutada, as nossas condolências.

D. Leonilde Adelaide dos Santos

Após prolongado sofrimento faleceu na passada quinta-feira dia 10, a sr.ª D. Leonilde Adelaide dos Santos, extremosa mãe da sr.ª D. Maria Helena dos Santos Pinto de Almeida, e sogra do sr. José Maria Pinto de Almeida, empregado de banca do G. Casino de Espinho.

A finada contava 63 anos de idade e o seu funeral teve lugar no dia seguinte para o cemitério municipal.

A missa do 7.º Dia é na próxima 4.ª feira às 9 horas, na Igreja Matriz.

A Família agradece a comparecência das pessoas amigas.

Moradia Vende-se

Casa de habitação, com pomar, lavradio, instalações pecuárias e jardim, sita no lugar do Fial, Oleiros, com bom acesso, servido por carreira de viação e caminho de ferro, construção moderna, proximidades de centros de recreio, com área total 1.284 m2 (coberta 155 m2).

Tratar Papeleira de S. Paio de Oleiros, Lda
S. Paio de Oleiros
Telefone 967 092

VIDA DESPORTIVA FUTEBOL

Taça «Ribeiro dos Reis»

Realizou-se no passado domingo a 3ª jornada da Taça «Ribeiro dos Reis» que teve os seguintes desfechos no Grupo A:

Vila Real 1 Famalicão 2; Boavista 3 Leixões 2; Varzim 4 Leça 0 e F. C. do Porto 6 Espinho 0.

Classificação — F. C. do Porto, 6 pontos; Varzim e Famalicão, 4; Boavista e Leça, 3; Vila Real e Leixões 2; Espinho, 0.

F. C. Porto 6 Espinho 0

Jogo no Estádio das Antas, no Porto. Árbitro: Rogério Moreira (Braga).

F. C. PORTO — Américo; Sucena e Atraca; Pinto, Luís Pinto e Paula; Jaime, Carlos Manuel, Naital, Rolando e Nóbrega.

ESPINHO — Arnaldo; Resende e Massas; Ribeiro, Alcega e Joaquim; Cáliz, Mafreles Pinhal, Alvarez e Luciano.

As intervalos: 3-0. Marcadores: Naital (aos 3 m.), Carlos Manuel (aos 26 e 27), Rolando (aos 57), Joaquim (aos 60 p. b.) e Jaime (aos 72 m.).

Come já era certo e desível entre as duas equipas proporcionou um resultado amplo e sem que possa ser discutido, até porque a jogar no seu meio, o Porto manobrou como lhe apeteceu um adversário que soube ser desportista até ao último apito do árbitro.

JOGOS PARA HOJE:

Famalicão-Varzim; Leixões-Vila Real; Boavista-Porto e Leça-Espinho.

Campeonato Nacional da III Divisão

Resultados dos jogos que as equipas do Distrito de Aveiro efectuaram no passado domingo:

Mortágua 1 Leoures 0; Valecambrense 2 Ac. da Viseu 1; Vildemethos 0 Ovarense 0; Agueda 3 Marialvas 1 e Alba 2 Caldas 2.

Centro de Difusão

Serviços de Propaganda Turística
Relações com a Imprensa

Campanha Nacional de Recepção e de Amabilidade

Por iniciativa do sr. Pierre Dumas, secretário de Estado junto do primeiro Ministro encarregado do Turismo, o Governo Francês resolveu organizar este ano uma grande Campanha Nacional de recepção e amabilidade.

Os fins em vista são bastante interessantes e servirão de teste para o futuro no que diz respeito aos profissionais de turismo. Assim os turistas estrangeiros serão cordialmente recebidos nas fronteiras e os franceses residentes no estrangeiro terão as suas homenagens em Paris. Por outro lado vão realizar-se manifestações de amizade, de recepção através da rádio, da imprensa e da televisão, com altas individualidades, vedetas do teatro, do cinema, do desporto e da T. V. F.

Pretende-se, assim, continuar uma das velhas tradições da cortesia e hospitalidade do povo francês para com os visitantes.

Voleibol

Campeonatos Regionais da Associação do Porto I Divisão

Madalena 0 Sp Espinho 3
Sp. Espinho 3 Leixões 2

Feminino

Sp. Espinho 1 Leixões 3

Andebol de Sete

Campeonato Distrital de Aveiro de Juniores

O Sporting de Espinho mantém o título de campeão. O Amoníaco ficou em 2º lugar.

Terminou na passada semana o Distrital de Aveiro em Juniores, que mais uma vez o Sp. de Espinho classificou-se em primeiro lugar, prova bem evidente da sua superioridade sobre os seus adversários. No segundo posto classificou-se o Amoníaco, que assim também ficou preparado para disputar o Campeonato Nacional, que tem início hoje, deslocando-se o Espinho a Coimbra.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo do notário Lic. José Ferreira Paixão

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas A-Número 10, de folhas 71 a 73, se encontra exarada, com data de 4 de mês corrente, uma escritura de habilitação notarial por óbito de JOSEFINA DA ASSUNÇÃO CUNHA, que também usava o nome de JOSEFINA DA ASSUNÇÃO CUNHA LOPEZ, casada, doméstica, natural da freguesia e concelho de Albergaria-a-Velha, residente nesta Vila de Espinho, na Rua 25, número 690, a mesma falecida nesta vila em 1 de Janeiro do corrente ano e naturalizada espanhola pelo casamento. Mais certifico que na referida escritura foi declarado e habilitado como seu único herdeiro seu marido JOSÉ ANTÓNIO LOPEZ NOVELLE, proprietário, natural da freguesia de Carracedo, Ajuntamento de Pezoya, Província de Orense, Espanha, o qual se encontra no estado de seu viúvo.

Está Conforme o Original: Espinho e cartório notarial, 9 de Junho de 1965.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Empregado para Drograria

precisa-se com alguma prática. Drograria Baptista — Rua 23

Terreno — Vende-se

nas ruas 20 e 25.
Falar na Rua 7 n.º 479

TROWER & CO., LTD.

— Inglaterra (Desde 1876)

APRESENTA, agora em Portugal, os seus famosos ALIMENTOS para PÁSSAROS e PEIXES, entre os quais: EGBISCO (poderoso fortificante indispensável na Criação e para os Pássaros novos) COLOR FOOD (para uma linda Coloração e Plumagem)

Misturas Seleccionadas — Guloseimas Grits — etc.

e ainda — a incomparável GRIT «FLYO» de Trower para POMBOS (extraordinariamente equilibrada, rica em sais minerais NATURAIS, temperada e PURA).

A' venda em ESPINHO na seguinte Firma:

CASA DOS CEREALIS

JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA

Rua 62 n.º 834 Telefone 920517

DISTRIBUIDOR para Portugal:

— Leopoldino Pereira

Rua de Mirafior, 132 — PORTO — Telef. 52588

M. S. das Febres em Gondzende

No pitoresco lugar de Gondzende, freguesia de Esmoriz, realiza-se hoje, dia 13, a festa em honra de N. S. das Febres, a qual será abrilhantada pela Banda de Música dos Bombeiros V. de Espinho.

Siera Rádio

Justino Ferreira Sampaio

Rádios — Televisores e Altifalantes. Vendas a prestações a 100\$00 mensais.

Lugar da estrada (junto à Senhora da Guia) Telef. 929016 P. F.

PARAMOS

Cadinha & Couto

Mercearia, Cereais, Azeites

ARMAZENISTAS

Armazens e escritório:

ANGULO DAS RUAS 18 e 28
Tel. 920052 - ESPINHO

Armazém de Merceria, azeites, farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO

Depósito de Açúcar, Tencinha e Gordura

Telefone 928506

Rua 9-455 a 447 - ESPINHO

A Cristalencia

Encarrega-se da colocação de vidros em qualquer ponto do País

Vidros Ferrelira

Depósito de Vidraça em caixa, cortada ou colocada, Molduras para caixilhos, Espelhos, Tijolos e Telhas de Vidro

Grande desconto para Revenda

Fernando de Sousa Ferreira

Rua 18 n.º 675 ESPINHO

Telefone, 920480

Padaria e Confeitaria «Modul»

a casa mais elegante de Espinho neste género, mecanizada pelos mais modernos processos higiénicos

MATOS & IRMÃO

Rua 18, 953-957 - Tel. 920137 - Espinho

Esmerada fabricação de pão de todas as qualidades. Pão de forma para torradas e sanduiches, fabrico especial desta casa.

Secção de pasteleria e confeitaria

Filial em Paços de Brandão

Padaria Afonso

V.º de Afonso Ferreira Gaio

PÃO DE TRIGO E DE MILMO
Especialidade em fabrico de Pão Integral

Rua 14-865 ESPINHO Tel. 920169

HORVA

FABRICA DE MOBILIAS E OBJECTOS UTILITARIOS

Vimes, juncos, mistos e palmite

Rua 14 N.º 1244-1252 - Tel. 920291

ESPINHO

M. P. Moreira

Fábrica de guarda-sóis «ANFIBIO»

Fábrica de camisas «MARCO»

Rua 19-402 — Apartado 9
Telefone 920051 - Espinho

Defesa de Espinho

Tabela de Preços das Assinaturas anuais:

Portugal Continental e ilhas adjacentes 80\$00

Províncias Ultramarinas Espanha e Brasil (via marítima) 80\$00

França, Canadá, República do Congo (via marítima) 150\$00

Venezuela e U. S. A (via marítima) 120\$00

Províncias Ultramarinas (v. aérea) 220\$00

Venezuela, Brasil e U. S. A. (via aérea) 200\$00

Número avulso 1\$20

CONFETARIA SAMEIRINHO

Especialidade em Bolos, Doces regionais fabricados na mesma confeitaria

Sala de Chá Serviço de Café, Chocolate e Cacao

Manuel Augusto de Castro

Rua 19 n.º 186-Telefone 920485

ESPINHO

SERRAÇÃO DE MADEIRAS DA PONTE DE ANTA

Francisco R. de Castro & Filhos, Lda

Balões, ferros aparelhados, modelos para a construção civil e calçoteira

Telefone, 920067 - ESPINHO

MOPE, L.ª (Agência Informadora Comercial)

Proprietária do Boletim «Gua do Crédito»

A maior Organização estabelecida no País

PORTO
Rua de Sá da Bandeira, 855/1º
Telef. 24865 e 28488
End. Tel. MOPE

LISBOA:
Av. da Liberdade, 105
Telef. 55418 e 557835
End. Tel. QUIATO



Porto — Gaia — Espinho

Vinhos de Paste, verdes e maduros

Para as Ex.mas Donas de casa uma garantia de qualidade em garrafas de 5 litros.

A' venda nos bons estabelecimentos

Régua — Torres Vedras

Aquisição directa na origem.

Qualidades esmeradas

Recomendamos também o nosso Vinagre, feito de vinhos puros e em garrafas com rolha especial recuperável

vinho Puro... Alimento PURO...

Fogões a gás VITÓRIA E PROGRESSO

Duas marcas que se impõem

Fabrico com garantia e assistência técnica da

Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª

ESPINHO

A' venda nos bons estabelecimentos, e na

Agencia Cidia-Rua 23-252

PREFIRAMOS OS FOSFOROS DA FOSFOREIRA PORTUGUESA